



**UESB**  
UNIVERSIDADE ESTADUAL  
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional  
VI Colóquio Internacional  
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18  
outubro  
2019**

## LÍNGUA E GRAMÁTICA: USOS X DESUSOS NO CONTEXTO SOCIAL

Eliara Rodrigues Duarte  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil  
Endereço eletrônico: aracoquinho@hotmail.com

### INTRODUÇÃO

O presente trabalho faz parte de um projeto sobre concordância verbal, mais especificamente sobre a relação entre o uso “adequado” da concordância de 3ª pessoa do plural e sua relação com o contexto social no qual o falante está inserido. No entanto, neste momento vamos dar ênfase na abordagem sobre o preconceito linguístico na sociedade.

Vivemos em um país “democrático”, no qual todos têm direito e acesso à educação. Apesar de essa fala ser um consenso entre governantes e governados, é notável que uma parte considerável dos estudantes do Ensino Básico não faz uso adequado da norma culta da língua, o que tem sido objeto de estudo de muitos pesquisadores, visto que a escola, instituição responsável pela transmissão de conteúdos acerca da língua materna, tem uma clientela que, por razões diversas, não assimila os conteúdos trabalhados, o que acarreta consequências diretas na vida social do indivíduo, já que vivemos em uma sociedade que atribui o devido valor às habilidades escolares. Assim, os indivíduos que não frequentaram ou que não tiveram êxito no ambiente educativo têm consequências diretas no meio social.

Para embasar nossa discussão, amparamo-nos em estudos realizados por, Perini (2001), Franchi (2006), Labov (2008 [1972]), Bagno (2003; 2011), Travaglia (2001), Koop (2011).

Inicialmente, vamos abordar o papel da escola como instituição social e o ensino da gramática dentro desse ambiente e, dessa forma, as consequências sociais para aqueles que não fazem uso da norma culta da língua. Em seguida, será discutida a heterogeneidade linguística. Depois, será abordada a gramática internalizada, observando a necessidade do uso e reconhecimento das diversas gramáticas. Por fim, traremos as Considerações Finais.



**UESB**  
UNIVERSIDADE ESTADUAL  
DO SUDESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional  
VI Colóquio Internacional  
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18  
outubro  
2019**

## **ESCOLA E SOCIEDADE**

A escola é uma instituição social e, como tal, exerce um importante papel na sociedade. Sociedade essa que, como muitas vezes acolhe, também acaba por oprimir aqueles que não se enquadram às regras tidas como ideais ditadas por uma minoria que comanda uma maioria que, por razões diversas, não têm o poder da voz.

A escola tem, na gramática normativa, um dos instrumentos de inserção do indivíduo no meio social, considerando que o domínio da norma culta da língua representa prestígio social, bem como a não utilização de determinados conteúdos acabam por caracterizar o falante de forma negativa. Alguns conteúdos gramaticais influenciam mais que outros.

A gramática tradicional tem, em escritores de renome, modelos do bom uso da língua, é como se fosse uma receita que todos devessem seguir à risca, esquecendo-se que, ao referir à fala, estamos lidando com indivíduos que se diferenciam e sofrem influências de diversos fatores, podendo até ter um falar “ideal”, mas impossível que todos os falantes a utilizem.

## **METODOLOGIA**

Em função da natureza deste estudo, a saber, discutir o Preconceito Linguístico presente na sociedade, optamos pela utilização do método descritivo-explicativo, que, tem por objetivo explicar de modo geral determinado fato, expondo suas particularidades.

## **HETEROGENEIDADE LINGUÍSTICA**

Durante muito tempo perdurou a crença em uma homogeneidade linguística, durante o Estruturalismo Linguístico e no Gerativismo, sendo finalmente, na década de 60, discutida pelo modelo variacionista a heterogeneidade linguística. Nesse período, então, as pesquisas passaram a ser realizadas a partir da correlação de fatores linguísticos (estruturais) e fatores extralinguísticos (sociais)

Dessa forma, somente, na segunda metade do século XX, é que fatores, também, essenciais para a compreensão das variações linguísticas foram considerados. Assim,

**DISTOPIA, BARBÁRIE E CONTRAOFENSIVAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO**



**UESB**  
UNIVERSIDADE ESTADUAL  
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional  
VI Colóquio Internacional  
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18  
outubro  
2019**

aspectos como identidade do falante, posição social, nível de estudos passaram a ser estudados como meios para se compreender a heterogeneidade das línguas.

Com a Sociolinguística Variacionista, entre outros, temas como Preconceito Linguístico passaram a ser discutidos. O preconceito linguístico, na verdade, é um preconceito social que se tem contra um indivíduo por esse indivíduo possuir características que estejam fora de um padrão estabelecido por uma sociedade. O preconceito linguístico marginaliza o falante, pois a sociedade reprime a fala que não faz parte da tradição gramatical. Isso é validado porque há valores enraizados na sociedade regras ditadas pela gramática normativa, um manual para falar e escrever bem, inspirado em falantes “ideais”. Nessa perspectiva gramatical, há uma única variedade significativa, correta, sustentada por ideais de uma norma padrão.

Ao lado da descrição da norma ou variedade culta da língua (análise de estruturas, uma classificação de formas morfológicas e léxicas), a gramática normativa apresenta e dita normas de bem falar e escrever, normas para a correta utilização oral e escrita do idioma, prescreve o que se deve e o que não se deve usar na língua. Essa gramática considera apenas uma variedade da língua como válida, como sendo a língua verdadeira (TRAVAGLIA, 2001. P.30).

Essa concepção é amplamente adotada pela sociedade vigente, existindo, porém, um tom preconceituoso, porque há o “reconhecimento” das variedades linguísticas, no entanto uma se sobressai. De acordo com Franchi (2006), nessa abordagem são reconhecidas outras modalidades gramaticais, mas a aceita, a qual é representante da classe dominante é a norma padrão da língua. As demais representativas das classes populares são tidas como “feias” levando, então, a um preconceito linguístico. Assim, tem-se uma língua modelo, a utilizada pelos bons escritores e professores e uma língua marginalizada, a das classes menos favorecidas. Franchi (2006), a esse respeito, ressalta que:

Gramática é o conjunto de normas para bem falar e escrever, estabelecidas pelos especialistas, com base no uso da língua consagrado pelos bons escritores. Dizer que alguém “sabe gramática” significa dizer que esse alguém “conhece essas normas e as domina tanto nocionalmente quanto operacionalmente” (FRANCHI, 2006, p. 16).

**DISTOPIA, BARBÁRIE E CONTRAOFENSIVAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO**



**UESB**  
UNIVERSIDADE ESTADUAL  
DO SUDESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional  
VI Colóquio Internacional  
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18  
outubro  
2019**

Diante do exposto, é importante refletir sobre a existência de normas e não de uma única norma, pois deve se trabalhar com a realidade e essa se volta à diversidade linguística.

### **GRAMÁTICA INTERNALIZADA: GUIA INERENTE A TODO FALANTE**

Todo falante, independente de fatores como raça, classe social, grau de escolaridade, entre outros, faz uso da linguagem de forma eficiente, estabelecendo uma relação comunicativa com seu interlocutor. O indivíduo assim que aprende as primeiras palavras vai aos poucos formando naturalmente uma lógica, a qual é internalizada, para a organização das palavras. Toda fala é baseada em uma gramática e nenhum falante em sua língua materna produz uma sentença desorganizada impossibilitada de ser compreendida. Devendo, portanto, haver o reconhecimento bem como uso das diversas concepções de gramáticas, como enfatiza Travaglia (2001, p.28) ao abordar a gramática internalizada, “[...]o conjunto das regras que o falante de fato aprendeu e das quais lança mão ao falar” .Temos, aqui, uma concepção mais representativa do falante, uma gramática internalizada, ou seja, um conjunto de regras que o indivíduo aprende naturalmente porque independente de escolaridade todo falante produz sentenças que são passíveis de compreensão.

[...] qualquer falante de português possui um conhecimento implícito altamente elaborado da língua, muito embora não seja capaz de explicitar esse conhecimento. [...] conhecimento adquirido de maneira tão natural e espontânea quanto a nossa habilidade de andar. Mesmo pessoas que nunca estudaram gramática chegam a um conhecimento implícito perfeitamente adequado da língua (PERINI, 2001, p. 13).

Percebemos, nessa concepção, que nenhum falante nativo, independente da idade, de grau de escolaridade, ou de condição social produz sentença ilógica (estruturalmente falando) da sua língua materna. As organizações linguísticas são feitas naturalmente seguindo regras internalizadas pelo indivíduo.

A não aceitação dessa gramática internalizada é a não aceitação de um cidadão. Nossa sociedade é composta por milhares de indivíduos, dos quais um número razoável não teve acesso ao processo de escolarização e que, no entanto, fizeram e fazem uso recorrente da língua, o que não significa que estejamos desmerecendo os valores

**DISTOPIA, BARBÁRIE E CONTRAOFENSIVAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO**



**UESB**  
UNIVERSIDADE ESTADUAL  
DO SUDESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional  
VI Colóquio Internacional  
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18  
outubro  
2019**

escolares. O que não se pode aceitar é que o valor de um indivíduo esteja no seu modo de falar. Somos a favor do ensino da gramática normativa, no entanto precisamos lutar contra uma sociedade baseada na distopia.

## CONCLUSÃO

“[O] termo pesadelo se adequa melhor à imaginação dos escritores distópicos e isso não é gratuito, não brota espontaneamente como uma manifestação solitária ou rara” (KOPP, 2011, p.11), considerando que, enquanto perdurar o modelo de fala que, na verdade, pouco se aproxima da realidade estaremos imersos a artificialidade, sujeitos a ficar à margem da sociedade porque a minoria que comanda o país segue ideais e não realidades. Uma pirâmide injusta, na qual o ápice é representado por um poder que domina a forma certa e errada do falar (norma padrão, norma ideal) e a base é representada pela população que faz uso da sua forma própria de falar, por vezes, culta, por vezes coloquial, mas sempre real. Dessa forma, é preciso refletir sobre todos os aspectos que oprimem os cidadãos. E, apoiados em Franchi (2006), ousamos afirmar que gramática deva ser vista de forma reflexiva.

**PALAVRAS-CHAVE:** Língua; Gramática; Preconceito; Sociedade.

## REFERÊNCIAS

FRANCHI, Carlos et al. **Mas o que é mesmo ensinar gramática?** São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

KOPP, R. **Comunicação e mídia na literatura distópica de meados do século 20:** Zamiatin, Huxley, Orwell, Vonnegut e Bradbury, tese de doutorado apresentando na PUCRS. Porto Alegre, 2011.

PERINI, Mário A. **Gramática descritiva do português.** 4. ed. São Paulo: Ática, 2001.

TRAVAGLIA, L. C. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus.** São Paulo: Cortez 2001.